

## O JOGO INTERACIONAL NAS ENTREVISTAS DE TV\*

Leonor Lopes Fávero  
Maria Lúcia C.V.O.Andrade  
Zilda G. O. Aquino

Partindo de uma abordagem textual-interativa, este trabalho discute como se efetiva o jogo interacional nas entrevistas de TV, observando-se as condições que organizam o direito à palavra na perspectiva de Charadeau (1995), a partir da interdependência entre o espaço externo e o interno durante tal atividade. Com o objetivo de trabalhar essa especificidade do discurso oral, nosso *corpus* será composto por entrevistas do Programa Roda Viva, transmitido pela TV Cultura de São Paulo e também do Programa Jô Soares Onze e Meia, veiculado pelo SBT.

A comunicação interpessoal desenvolve-se entre indivíduos e é entendida como uma relação dialógica em que ambos os interlocutores adaptam continuamente o diálogo às necessidades do outro. Desse modo, o jogo interacional caracteriza-se por situar-se em um contexto em cujo âmbito se estabelece um campo de ação comum no qual os sujeitos envolvidos podem entrar em contato entre si. Torna-se, portanto, fundamental a capacidade de ação de cada indivíduo, que deve estar apto a influir no desenvolvimento sucessivo da interação, determinando-o com sua atuação: cada ação de um sujeito deve constituir a premissa das ações realizadas posteriormente pelos demais. Por fim, a interação realiza-se sob uma série de regras e pode até introduzir alterações no contexto. O jogo interacional configura-se, assim, como um processo circular em que as ações de cada participante determinam um retorno por parte do outro ou dos outros sujeitos implicados. É uma espécie de retroação sobre o indivíduo que a realizou.

O modo de participação dos interlocutores e a maneira como se interrelacionam irá defini-los em função do contexto situacional. Nessa perspectiva, as entrevistas transmitidas pela TV podem ser observadas a partir de um modelo de estruturação em três níveis. O **nível situacional**, relativo aos dados de espaço externo, que constitui o espaço de limitações da entrevista enquanto ato enunciativo. É o lugar onde são determinadas: a

---

\* In: Barros, Kazue S. Monteiro (org.). *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal:

finalidade da entrevista que consiste em responder à pergunta “*para que dizer?*”; correlativamente, a identidade dos participantes da entrevista, respondendo à pergunta: “*quem fala a quem?*”; sempre correlativamente, o domínio do saber veiculado pelo objetivo da interação, respondendo à pergunta “*a propósito de que?*”; por fim, o dispositivo, constituído de circunstâncias materiais do evento, respondendo à pergunta “*em que contexto espaço-temporal?*”.

O **nível comunicacional**, lugar onde são determinadas as maneiras de falar em função dos dados da situação, respondendo à pergunta “*como dizer?*”. Correlativamente, o sujeito falante (comunicante ou interpretante) indaga-se a respeito dos papéis ele deve apresentar que justifique seu direito à palavra, mostrem sua identidade e lhe permitam tratar de um certo tópico discursivo em certas circunstâncias.

O **nível discursivo** constitui o lugar de intervenção do sujeito falante, tornado sujeito enunciativo, o qual deve satisfazer as condições de legitimidade (princípio de alteridade), de credibilidade, (princípio de relevância) e de captação (princípio de influência e regulação), para realizar um conjunto de atos que vão constituir um texto. Desse modo, o sentido de um texto produzido será sobredeterminado pelas limitações da situação de troca e da especificidade do projeto de fala (resultado do movimento de vai-e-vem constante entre o espaço externo e interno da cena comunicativa).

No Programa Jô Soares tem-se um projeto de fala que apresenta uma relação consensual, intimista que não visa ao sensacionalismo ou à polêmica. Configura-se um quadro em que prevalece o divertir em detrimento do informar, criando um compromisso com o fazer espetáculo. Estabelece-se uma relação de confiança entre entrevistador e entrevistado diante de uma platéia e dos telespectadores

Já o Programa Roda Viva prima pela informação e enquadra-se na entrevista jornalística. O programa não possui platéia, porém os telespectadores podem participar de modo mais efetivo através de fax ou via internet. Os programas de entrevista foram-se modificando ao longo do tempo e não apresentam mais como ponto de referência perguntas e respostas que visam a preencher um espaço de tempo pouco significativo. Segundo Aquino (1997:98), a entrevista desenvolve-se com base em perguntas, mas a partir da direção que se dê a elas, o entrevistador perspicaz, num estilo próprio, utiliza-se de

estratégias variadas para a obtenção de boas respostas. Um entrevistador eficaz consegue, muitas vezes, a revelação de material secreto e chega até a obter revelações íntimas de forma sutil.

É assim que no programa *Jô Soares Onze e Meia* sob análise, transmitido no dia 5 de dezembro de 1994, em que se entrevista a atriz Débora Bloch, o entrevistador formula uma pergunta, a respeito de como a atriz conheceu o atual marido, revestindo-a de elementos lingüísticos que amenizam a interação e resguardam sua face (*sem querer ser indiscreto*), possibilitando a organização de um contexto em que a distensão é matiz principal para conseguir uma informação mais íntima, como se verifica no trecho a seguir:

(1)

L1 e depois... nesse jantar já... já rolou um romance... já começou um clima assim... gostoso?

L2 dia seguinte...

L1 dia seguinte já teve almoço...

L2 já teve almoço... ((risos))

L1 mas Débora... sem querer ser indiscreto... no dia seguinte já teve café da manhã?

((risos))

L2 ahn... ah... cê tá sendo muito indiscreto... eu vou ficar com vergonha...

L1 [ então teve ... ((risos))

L2 eu sou uma mãe de família...

L1 [ ué... e mãe de família não toma café não? ((risos))

O programa *Roda Viva*, com duração de noventa minutos, transmitido pela TV Cultura de São Paulo, no dia 24 de outubro de 1994, em que foi entrevistado o então Ministro da Fazenda *Ciro Gomes*, tem-se um entrevistador que cumpre o papel de condutor e mediador da entrevista junto a um grupo de entrevistadores (em torno de seis) composto, principalmente, de profissionais que atuam em jornais e revistas de grande circulação na imprensa escrita, mas há também a participação de jornalistas de televisão e especialistas na área de economia.

Quando a entrevista não apresenta qualquer tipo de modalização por parte do entrevistador, que formula uma pergunta mais direta, pode ocorrer que não se consiga o

tom intimista desejado, se o entrevistado pretende apenas falar a respeito de sua vida enquanto homem público. Veja-se o trecho a seguir:

(2)

L1 ministro... eu gostaria de saber do senhor o seguinte... CAso o senhor seja convoCAdo pelo presidente eleito Fernando Henrique Cardoso para ficar no Ministério da Fazenda o senhor aceita?

L2 não

L1 não aceita?

L2 não

L1 o senhor não troca Harvard pela continuidade em Brasília?

L2 não

L1 não... outra questão ministro

[  
L[ ] não seria... não seria bobo (( risos))

L3 mas eu faria

[  
L1 outra ques::/ pode fazer

L3 posso só complementar?

[  
L1 pois não

L3 só complementar... éh:: qual é o seu projeto pessoal? a:: ministro se o senhor vai pra Harvard ( )

[  
L2 todos os meus projetos pessoais... foram satisfeitos... já... eu quero só viver com meus filhos num país que seja digno da gente viver

Nessas entrevistas, entrevistador e entrevistado cumprem seus papéis alternando-se nos turnos ao mesmo tempo em que contribuem para o desenvolvimento desse tipo de texto. Não se pode deixar de observar o papel desempenhado pela audiência como elemento propulsor de modificações na interação entre os participantes, já que a interação se desenvolve exatamente em função da terceira-parte e é em razão de não se perder esse aliado que se procede a reformulações, preservando-se ou atacando-se a auto-imagem, embora o direito à participação por meio de interferências em que se localizam formulações lingüísticas seja pequeno se o relacionarmos com o tempo de participação direta do entrevistador/entrevistado durante o transcorrer do programa.

Em toda a entrevista, os interlocutores representam seu papel discursivo e de identidade (entrevistador/entrevistado) que pode ser definido como o conjunto de direitos e

deveres comunicativos associados aos papéis dos interagentes e ao desempenho de uma identidade social.

No texto sob análise, o entrevistador José Casado (L7) discute a respeito do tópico discursivo “Estabilidade para o funcionalismo público”, questionando o papel social do ministro que se diz contra a estabilidade, como se verifica no trecho a seguir:

(3)

L7 o senhor pretende... mandar um projeto... pro Congresso

L2 [ não

L7 não... por quê?

L2 porque não é meu papel

L7 não é seu papel?

L2 não... é claro que não é... você acha que é meu papel... papel do Ministro da Fazenda mandar projetos?

L7 [ o senhor é governo

L2 não isso aí... isso aí é uma FICÇÃO o que o senhor tá fazendo... eu sou MiNiStro da Fazenda

L7 [ sim

L2 modestamente Ministro da Fazenda ... só

L10 então ministro o senhor vai estar no congresso dois meses e meio

L5 [ porque que:: que o senhor não pode mandar projeto... o senhor é Ministro da Fazenda ( ) ((várias vezes))

L2 [ (eu num posso) porque a constituição brasileira não é elenca entre os homens que podem... ou entre as instituições que podem ter autoria dos projetos o Ministro da Fazenda

L5 [ ah isso lógico ministro

L[ ] [ mas evidentemente ( ) ((várias vezes))

L5 [ o senhor encaminha ao Presidente da República um projeto

L2 [ não

L5 dizendo que ( )

Cabe observar a configuração espacial desse programa em que os entrevistadores se encontram reunidos atrás de uma espécie de balcão, que lembra um júri, formando um

círculo, no centro do qual está o entrevistado sentado numa cadeira giratória, que permite sua movimentação para poder olhar de frente e se envolver com quem lhe dirige a palavra. Importa salientar que o programa sob análise apresenta características próprias, na medida em que adota a técnica do distanciamento entre entrevistadores e entrevistado quanto ao espaço físico e deixa de lado o caráter intimista, o contato mais próximo, típicos de certas entrevistas, como por exemplo: Jô Soares Onze e Meia (SBT com o animador Jô Soares) ou Aquela Mulher (GNT com a jornalista Marília Gabriela). A preferência do programa Roda Viva é por manter um tom mais formal e, até certo ponto, inquisitorial às entrevistas veiculadas, em que personalidades da política brasileira sejam o alvo.

Na entrevista com o ministro Ciro Gomes, o nível comunicacional se faz presente no momento em que os interlocutores observam o “como dizer” indicado por Charadeau. Num contexto em que Ciro havia sido caracterizado como “trator”, “homem rude”, procura cuidar de suas formulações, para amenizar sua imagem junto à audiência, como segue:

(4)

L1 agora o se:: o senhor Paulo nos ligou de São Paulo e perguntou ao senhor o seguinte “qual é o comentário que o senhor tem a fazer a respeito dos saLÁrios dos deputados que parece que agora foram no mínimo dobrados?”

L2 olha não foram não... e não podem ser... deixa eu ver se eu acho uma palavra aqui ((gargalhadas))... é um aBUso inominável que se faça isso numa hora dessa... é um esCÁRnio contra o povo pobre brasileiro... eu não acreDito que o Congresso Nacional faça isso

L1 ministro ainda nessa... nessa linha

[  
L2 fui moderado? não fui? ((risos))

L1 o senhor é a favor

L2 fui elegante dessa vez?

L1 foi bastante... ministro o senhor é a favor da manutenção da estabilidade para os funcionários públicos?

[  
L2 sou contra

L1 contra?

[  
L2 é uma perversão que só faz mal ao bom funcionário ... e só protege o mal funcionário... e obrigando os dois a ficarem juntos significa meio salário pra cada um... ou seja o bom funcionário é PEssimamente pago e o mal funcionário é REgiamente pago... e nós somos obrigados a ter os dois

L7 mas ministro

L1 pois não Casado

L7 com todas essas:: essas posições que o senhor:: vem colocando aqui... sou contra isso também... fic/ fica a seguinte dúvida éh:: me parece que e:: é muito difícil ser Ministro da Fazenda tá? sem poder realizar algumas de suas próprias idéias... é isso mesmo?

L2 não... eu acho que não... o senhor

L7 [ que o que lhe impede por exemplo

L2 [ é um repórter muito:: instigante ((risos)) pra num... a palavra instigante é melhor do que provocador... não é? ((alterando o tom de voz))

L7 [ ( ) intrigante

L2 [ o senhor tá aqui me fazendo perguntas a mim sobre questões estruturais... sobre conceitos eu não quero mentir... então

L7 [ veja o senhor tá

L2 [ eu vou dizer o que eu penso

L7 o senhor está dizendo que é contra a estabilidade( )

L2 [ eu sou contra a estabilidade muito bem

Embora se possa analisar cada nível (situacional, comunicacional e discursivo) em particular, o conjunto das análises é que pode revelar toda a complexidade do texto de entrevistas de TV. Além disso, é necessário lembrar que nem sempre todos os elementos de cada nível poderão ser encontrados explicitamente nos textos, pois a sua ocorrência está relacionada ao formato de cada entrevista, ou seja, seu projeto de fala: a finalidade e o tipo de programa em que ela é veiculada.

A observação do evento discursivo permite detectar toda a complexidade de sua organização, em que se criam relações interpessoais, num jogo interacional específico, que configura cada evento. A dinâmica interacional dos programas de entrevistas se estabelece através de uma interação onde há um certo caráter de cumplicidade ou uma disputa entre os parceiros, que deixam pistas de seu envolvimento no processo de negociação da significação.

Não se pode deixar de considerar que alguns aspectos que se apresentaram nas análises possam ser comuns a outras situações de interação; entretanto, há traços que individualizam cada entrevista, especificando-a. Nesse sentido, pode-se destacar que se no

caso da primeira entrevista analisada temos um encontro informal, em que os objetivos do entrevistador e da entrevistada são próximos e a situação é distensa, na outra, observa-se um encontro institucionalizado, mais formal, em que os propósitos dos participantes parecem ser diametralmente opostos. Trata-se de um jogo interacional para o qual os entrevistados são convidados a participar e já conhecem as regras estabelecidas em cada programa.

### **Referências Bibliográficas**

- ANDRADE, M. L. C. V. O. (1998). *Digressão e Configuração Contextual: a manifestação da relevância*. Relatório para estágio probatório. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- AQUINO, Z. G. O. (1997) *Conversação e conflito: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2 volumes.
- BUBER, M. (1983). *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva.
- CARNEIRO, A. D. (org.) (1996) *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor.
- CHARADEAU, P. (1995) “Une analyse sémiolinguistique du discours”. In: *Langages*, 117, Paris: Larousse, Mars- 1995: 3.
- FAIRCLOUGH, N. (1992). *Language and power*. New York, Longman.
- MACHADO, I. L. (1996) “Análise discursiva de um gênero televisual: a entrevista no talk shown Jô Soares Onze e Meia”. In: CARNEIRO, A. D. (org.) *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor.